

# TERRA NOSSA



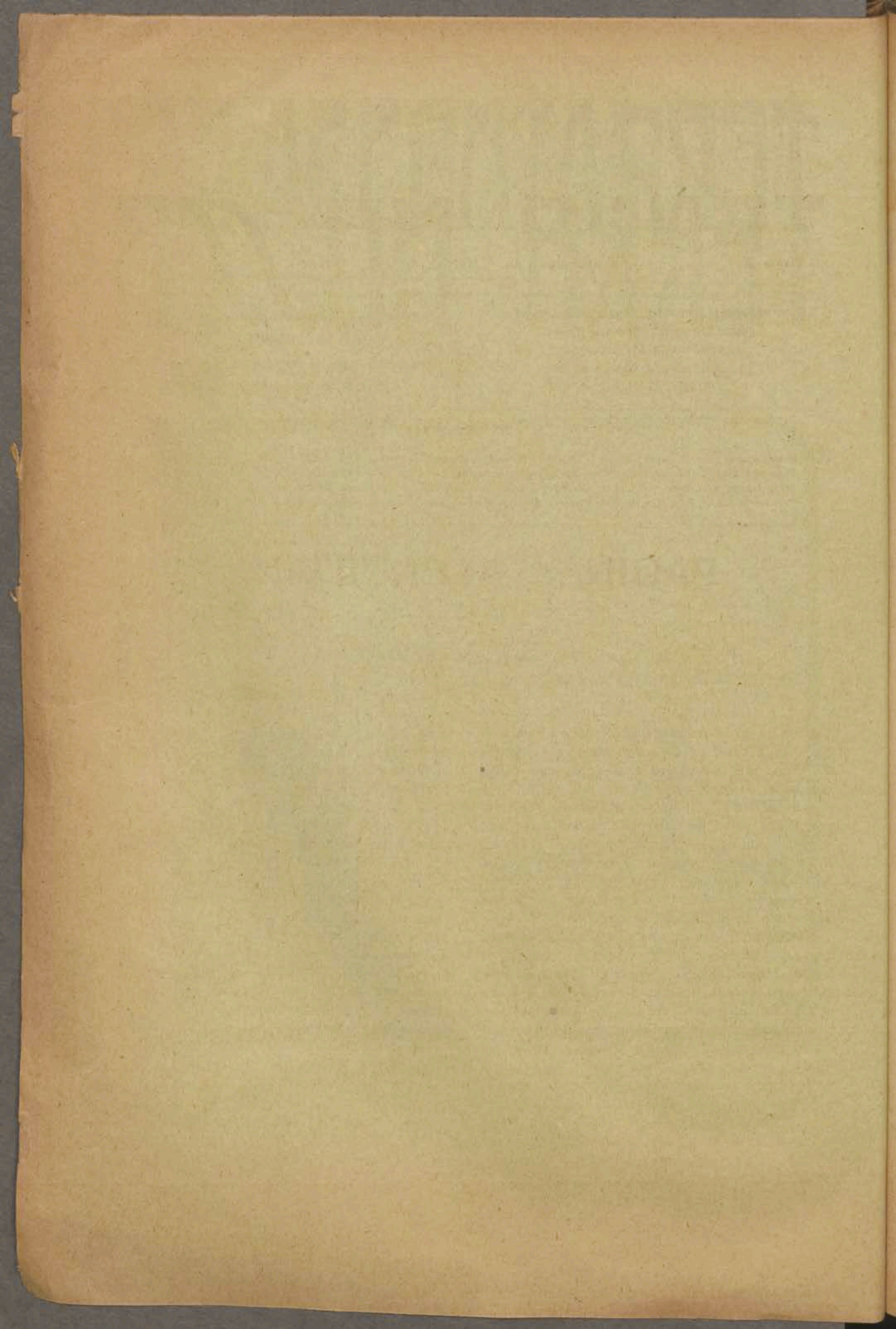
Mensario de inquerito  
á vida alentejana

Numero avulso, 10 centavos

2

ANNO I  
Junho de 1916

LISBOA



# TERRA NOSSA

Anno I

Propriedade da «Empresa da Terra Nossa»

N.º 2

DIRECTOR LITTERARIO: Antonio Lobato Adegas

DIRECTOR ARTISTICO: Luis Chaves

REDCTORES EFFECTIVOS:

Theophilo Junior e Mendes de Brito

EDITOR: José Niny Mexia

Redacção e Administração: Rua de D. Pedro V, 159, 3.º

LISBOA

Composição e Impressão: Typographia do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24 — LISBOA

## SUMARIO

Paginas alentejanas (Elvas), Aires Varela — Conde de Monsaraz, Antonio Sardinha — Em louvor do lume, Francisco Beliz — A lavradora do Freixo, Conde de Monsaraz — Etnographia alentejana, Luis Chaves — Saudade, A. Picão Tello — Festim de Cápuia, Alberto Osorio de Castro — André de Resende, J. Leite de Vasconcellos — A inscrição sepulchral de André de Resende, L. C. — Para um album, A. Rita Martins — O Alentejo, Aboim Inglez — Píncel, cinzel, F. Mendes de Brito — Ponto final.

## PAGINAS ALENTEJANAS

### «ELVAS»

... e se contão os limites desta cidade

«Fas raya ao termo de Elvas pela p.<sup>ca</sup> do R.<sup>no</sup> de Leão a rib.<sup>ra</sup> de Caya, do Moinho, q. chamão do Tufo, thé q. mistura suas agoas com o Ryo Gadiana, defronte de Telenna; ahi vai este ryo devidindo o de Castella por espasso de huma legoa thé a rib.<sup>ra</sup> de Olivença; confina pelas mais bandas com as V.<sup>as</sup> de Jurumenha, V. Viçoza, V.<sup>a</sup> Boim, Borba, Estremoz, V.<sup>a</sup> Fernando, Veiros, Barbacena, Monforte, Arronches, Campo mayor. Não excede de tres legoas o mayor comprim.<sup>to</sup> computado de Elvas, nem o menor de huma.

Neste territorio se vêm fertilissimos campos, grandes defezas, agradaveis rib.<sup>ras</sup>, cantid.<sup>e</sup> de fontes (como abacho diremos). Lavrasse nelle m.<sup>to</sup> trigo, sevada, senteio, e varied.<sup>e</sup> de legumes, pastão fecundissimos rebanhos de gado mayor e menor; não ha m.<sup>tos</sup> annos se contarão neste termo setenta mil cabessas meudas, e a sua lãa, se certifica ser a melhor deste reino, e aqui tãobem se crião valentes cavallos, promptos p.<sup>a</sup> guerra, e festas. O temperamento dos ares he o melhor de Alentejo, o que se infere, por haver nesta terra m.<sup>tos</sup> homens velhos, e produzir azeite, laranjas, limões, limas, sidras, marmellos, romãas, pessegos, damascos, peras das melhores castas, melhores as vergamotas, boas amexas, figos dos

mais seletos e em gr.<sup>de</sup> abundancia, e sobretudo as melhores uvas q. produz Espanha, regalada ortalissa em tal abundancia, q. em todo o tempo provê os lugares visinhos. O mel, em brancura e gosto, he como assucar. As carnes são grossas, e de bom gosto, os quejos, azeite, e azeitonas conhecidos pelos melhores do reino, e os seus vinhos são mui celebrados; as galinhas, perdizes, lebres, coelhos são grandes e sustanciaes, de q. procede serem estes moradores robustos e de animo generoso; vivem geralm.<sup>te</sup> abastados com suas fazendas, e alguns morgados m.<sup>to</sup> ricos: no tempo da primavera, são os seus campos cobertos de rozas e varias flores cheirozas, q. representam hum amenissimo jardim com fragancia, q. alenta os animos; os rouxinoes, e outras muitas aves, suspendem com melodias.»

Assim diz a pag. 10-11 o *Theatro das Antiquidades d'Elvas*, pelo conego Aires Varela, escripto pelos annos de 1644 a 1655, copiado do original por Affonso da Gama Palha em 1709, e publicado em Elvas pelo editor Antonio José Torres de Carvalho, em 1915; vêr o prologo de Thomás Pires.

## Conde de Monsaraz

Quando me lembro do conde de Monsaraz, lembro-me sempre daquelle poema de Louis Mercier, em que o poeta, diante da assembléa muda dos Antepassados, lhe pede perdão por não ter sabido ser como eles um lavrador. No conde de Monsaraz ficou p'ra sempre bem viva a tradição rural da sua gente. E porque a ninguem a ocultava, tambem o conde de Monsaraz poderia receber a benção que Mercier recebeu, pois se não aprendêra a lavar a herdade e a recolher o trigo, aprendêra a cantar esse esforço fecundo e a dar-lhe expressão imortal.

Não consideremos o conde de Monsaraz debaixo do puro ponto de vista literario.

E' que não alcançamos a compreensão psicológica da sua obra, se a não olharmos através dum critério mais humano e mais profundo. Havia no conde de Monsaraz poderosos recursos de emoção. Se os não possuía, decerto se quedaria eternamente na imobilidade impecavel da ríma parnasiana, repetindo os temas doirados das receções na embaixada e dos serenins em palacio. Não aconteceu assim, como no-lo mostra a *Musa alemtejana*, como em breve no-lo mostrará a *Lyra de Outono*, livro póstumo ainda inédito. A razão é a mais simples das razões. No conde de Monsaraz existia uma realidade sub-consciente muito mais rica e muito mais criadora que os canones cerrados da sua primeira fase artistica. Era a comoção bucólica da Terra que o enchia das visões amoraveis da sua provincia natal e que representou para o temperamento poético do conde de Monsaraz essa extraordinaria eloquencia lírica de que saíram as *As cegonhas* e *As Mondadeiras*, e que não o deixam nunca envelhecer.

O conde de Monsaraz, ao conformar-se intellectualmente, participara das influencias

de Leconte de Lisle. E' de uso infleira-lo entre nós no reduzido grupo que, com Cesario Verde e Gonçalves Crespo à frente, introduziu em Portugal os processos todos concretos, todos immediatos, de grande mestre dos *Poèmes barbares*. Dentro dos limites convenientes, como mais tarde sucedeu com as inovações bizarras de Eugenio de Castro, não é lícito duvidar-se da ação salutar de semelhante corrente no arrazado sistema nervoso das pobresinhas das nossas letras. Nós vinhamos então pela altura das quermesses idílicas do ultra-romantismo numa depravação vexatoria do bom-senso e do bom-gosto. O Logar-Comum, com carta de conselho e assento na Camara-alta, fazia as suas jornadas de triunfo. De Coimbra, cheios de hegeleanismos confusos, uns rapazes atrevidos tinham já bradado não sei que irreverencias famosas. A um exagero opunha-se outro exagero. Porque se da apelidada «escola-coimbrã» o nome de Antero se destaca para a primeira plana como uma das mais estranhas organizações com que a literatura portugueza se ennobrece, tambem é verdade que pela via de Teofilo e de Junqueiro penetrava na mentalidade indigena o arrevesado e já tão provado filosofismo de que proximamente resulta a nossa crise actual.

De passagem é-me agradável assinalar aqui a formação germânica do pensamento de Teofilo Braga, mas no que na Germania se encontra de peor e de mais estragado. E se nos recordarmos agora que os verbalismos tronitroantes de Guerra Junqueiro emmudeceram para nunca mais se ouvirem desde que o insigne descendente de tanto marrano converso não achou em Victor Hugo mais nada que valesse a pena descaminhar aos direitos, nós reconhecemos sem parcialidade de partido que as consequencias so-

ciaes da dissidencia de Coimbra se resolveram em causas de absoluta desnacionalisação para nós.

Por isso, menos importante e mais modesto, o movimento inspirado pelo parnasianismo francês torna-se-nos logo de começo bastante simpatico, tanto pela maneira aristocrática como se desviava das exaltações rubras da barricada, já em progresso na poesia do tempo, como pela especie de higiene que iria desenvolver na natureza dulcorosa do lirismo em sucesso nos dois ou tres cenaculos da epoca. Ao Macedo Papança das *Crepusculares*, ao Cesario Verde das equilibradas melancolias dum occidental e ao Gonçalves Crespo dos quadrinhos estilizados e do detalhe precioso, nós teremos que agradecer um outro cuidado no arranjo da estrofe e um maior escrupulo na estesia do vocábulo. Trouxeram-nos ritmos novos e novas imagens. Como ao depois com a desinfecção violenta do *Oaristos* e do *Horas*, abriram-se para nós janelas imprevistas e imprevistos fôram muitos dos motivos literarios que essa tendencia chamou para a claridade.

E' facto que, no sentido superior da palavra, Leconte de Lisle é mais um escritor de versos de que propriamente um poeta. A ausencia de fontes de vida interior na sua poesia faz que a reputemos mais como uma admiravel criação mental de que como um borbulhão expontaneo em que as vozes secretas do espirito prevaleça iluminadamente sobre os conceitos cristalizados da inteligencia. A poesia, quando é poesia, tira as mais mergulhadas das suas raizes dum fundo de sub-consciencia, sendo assim mais *dinâmica* do que *statica*, mais *vibração* do que *definição*. Ora a arte do Parnaso, porque é mais arte que poesia, é bem, á maneira classica, unicamente *statica*. Parte da impressão periferica das coisas, não lhes penetra a sua força íntima. Entende-se, pois, porque o parnasianismo teria de ser, não um *fim*, mas um *meio*, não uma *solução*, mas um *processo*. Tanto Leconte de Lisle, como Heredia, seu discipulo, tentaram, bem o sei, uma

especie de interpretação ciclica da humanidade. Porem o seu intento segmentou-se em aspectos episodicos, a que faltava um largo sopro inspirado que lhes imprimisse a necessaria unidade.

Maiores em relação ao prestigio justissimo dos seus predecessores francêses, os nossos parnasianos, como parnasianos, pouco produziram, e se mais produzissem, não se fariam senão repetir. E' esse o perigo da arte formal, brotada apenas de meras sugestões cerebraes. Cesario Verde, a viver, não iria alem do *Livro de Cesario*. Gonçalves Crespo desdobrar-se-ia monotamente em miniaturas e em noturnos se aos seus dois volumes mais outros se houvessem ajuntado. Caracterisa-se talves pela falta dum sentido elemento de ordem subjectiva a diminuta produção de quasi todos os poetas filiados no Parnaso. Cesario encontrou ainda a sua doença. No entanto, era um *sem-paisagem*, aperreado na asfixia geometrica da Baixa e comovendo-se mediocremente, com a preocupação de fixar atitudes, diante da natureza pobre dos arrabaldes. Eu creio assinalar uma circumstancia importante, logo que lembre, com as origens cidadinas de Cesario, a proveniencia exotica da maioria dos parnasianos mais aclamados. Já não falo em Gonçalves Crespo, cuja naturalidade brasileira ninguem ignora. Recordo Leconte de Lisle, nascido na Ilha-Bourbon, recordo Heredia, de boa proveniencia cubana. O facto não é para desdenhar, se concedermos á poesia uma génese exclusivamente emotiva. A ausencia do sentimento da Terra e dos Mortos, ao contacto de horisontes e de ambiencias que psiquicamente lhes seriam senão hostis, pelo menos, indiferentes, provocariam nesses poetas, de feição universal, a insensibilidade afectiva em que se baseia todo o segredo do seu vigor de analise e a rara energia do seu poder descritivo.

Parnasiano nas correções exteriores, o conde de Monsaraz já não padecia da mesma deficiencia. Tinha Mortos e tinha paisagem. D'al lhes veiu logo no *Crepusculares* uma acentuada modalidade lirica que,

afirmando-se mais e mais em outras páginas subseqüentes, lhe valeu de alguém, a quem me escapa o nome, a designação galante de «*Musset português*.» Eu não procuro instruir aqui o ensaio critico que tanto me merecia a memoria sempre querida do conde de Monsaraz. Desejo, todavia, fixar certas linhas interessantes da sua fisionomia literaria, até hoje credora de mais significativas homenagens que as costumadas frases de circumstancia com que a banalidade dos pretenciosos se mete a pontificar em dias de capa de asperges. Eis porque saliento o singular valor que para mim assume o facto de ser o conde de Monsaraz um enraizado com Mortos e com paisagem.

Conheci de perto o conde de Monsaraz durante os anos em que andou tirando a sua «segunda formatura», como ele proprio dizia. A segunda formatura do conde de Monsaraz era a formatura do Alberto. Ao longo desse periodo, em Coimbra, na casa, já agora celebre, da rua dos Militares, não houve ninguem que possuísse merecimento que ali não fosse receber o estímulo generoso do Poeta. O Conde de Monsaraz foi um grande perdulario. Dispersou em bondade os largos tesouros do seu espirito gentilissimo, fazendo da sua vida a mais extraordinaria obra de emoção que é possível imaginar-se. Remoçava conosco. E se puxando dos seus papeis nos lia alguma poesia nova, lia-a sempre com o receio da velhice. «*Mas, francamente, não me enganem!*» E contava-nos então a historia triste dum poeta consagrado do seu tempo que, duma vez, o convidou a ir ouvir-lhe a leitura do poema em que trabalhava. A criatura declinava já sensivelmente, mais do que nunca falta do talento que jámais tivera. Contudo, a fama guindara-o bem alto quando cantava a cigarra de Anacreonte na olaia do velho Castilho. Rapaz, o conde de Monsaraz, ainda simplesmente Macedo Papança, escutou-o com caridade e com caridade o aplaudiu depois. E sempre que as palavras da nossa admiração o festejavam agora, o conde de Monsaraz acrescentava inalteravelmente:—«*Não me estarão*

*vocês fazendo o mesmo que eu fiz ao outro?»*

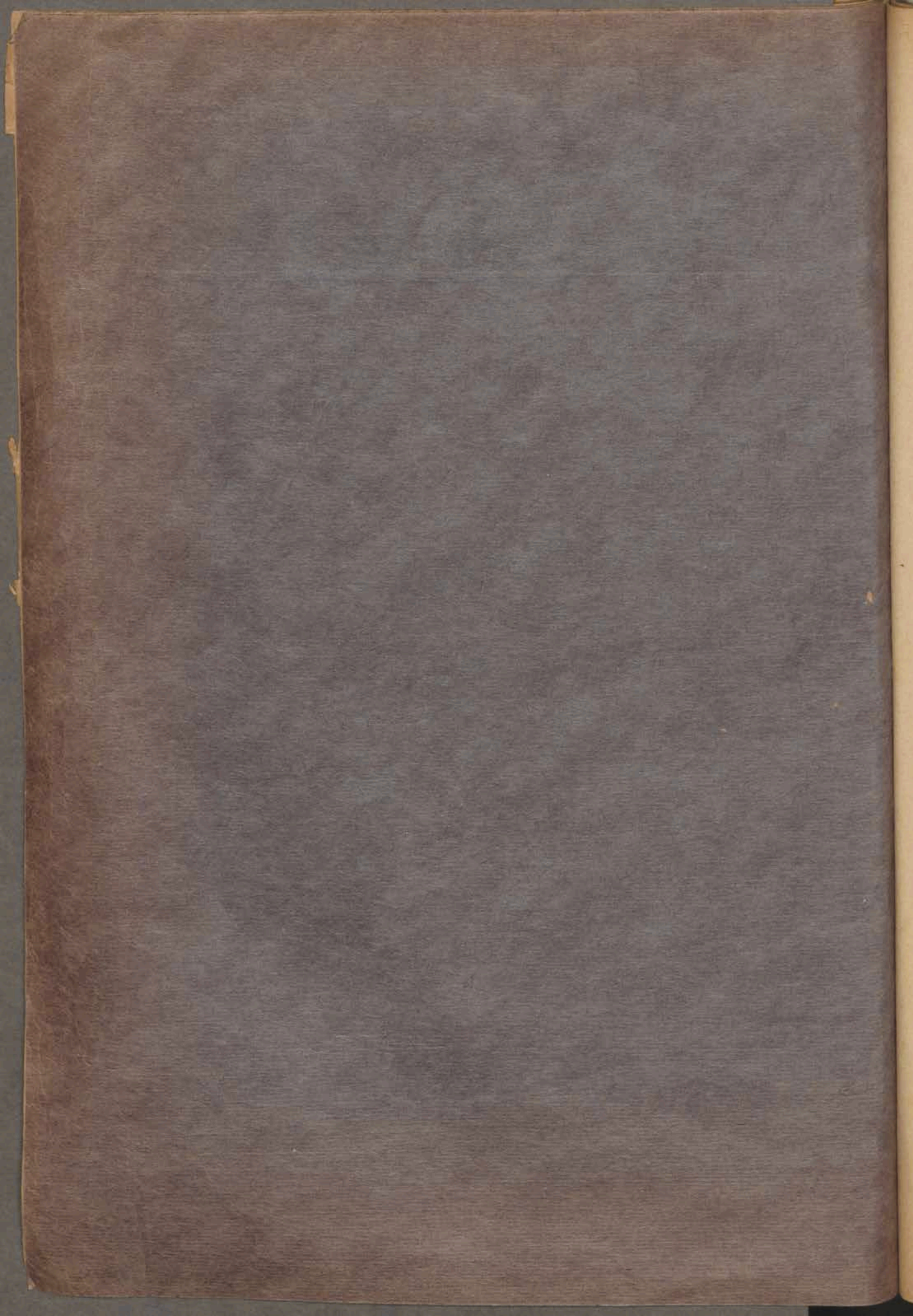
Não me esquecerá a mim a manhã de inverno em que o conde de Monsaraz nos ofereceu um almoço alemtejano com a nossa açorda tradicionalissima fumegando o delicioso aroma dos poejos! Hora a hora, eu pude estudar a natureza magnificamente dotada desse filho de lavradores que da lavoura trouxera para as letras o sabor rijo da provincia em que apareceu ao mundo. Não estranho, por isso, que o conde de Monsaraz se nos apresente como um caso literario digno de especial atenção. Em geral os poetas, á maneira que o coração se lhes cança e a plenitude da seiva os vai desertando, ou emudecem prudentemente ou, senhores de todos os recursos da tecnica, limitam-se apenas a pequenas virtuosidades artisticas, em que se satisfaçam as veleidades do seu orgulho mental. No conde de Monsaraz verifica-se o contrario, sem receio de errar. E' no fim da existencia que ele se liberta das imposições canónicas do seu parnasianismo exigente e nos deixa na *Musa alemtejana*, não o testamento duma sensibilidade, mas um hino da força, que é bem o pregão dum forte temperamento na posse de si mesmo. E' aonde se revela a intervenção dos elementos subconscientes de que os outros poetas da sua roda não dispunham e que é o segredo espantoso da facilidade lirica do conde de Monsaraz.

Nenhum poeta português se aproximou tanto das preferencias estéticas da actual geção como o autor ilustre de *A cruz do trovisco* e da *Tragedia rustica*. O conde de Monsaraz, num avanço extraordinario sobre os seus processos e sobre a sua epoca, realiso em Portugal uma poderosa demonstração do que em arte pode ser o regionalismo. E' um exemplo quasi unico de amplitude de espirito e de penetração poetica.

Eu sei! Dos misterios de sua hereditariedade falaram os Avós agarrados secularmente á gleba. E de tanto naturalismo instinctivo saiu, como flôr de maravilha, a nova consciencia artistica do Poeta. De certo



CONDE DE MONSARAZ





modo, o seu aprumo parnasiano adoçara-se sempre pelo lirismo humido duma galanteria bem formada. Ha nas *Paginas soltas* o trecho, — *Um pôr do sol*, que marca talvez o ponto de partida do conde de Monsaraz para a fase definitiva da sua obra. Aí se misturam as duas tendencias. E, como que simbolicamente, as janelas dum *boudoir* requintado, — o *boudoir* de Clarinha, rasgam-se sobre um fundo campesino em que se

«Destacam medas de palha,  
Onde, immoveis e tristonhas,  
Vão meditar as cegonhas  
Nas cousas da criação!»

A saudade dos seus, — a lembrança do passado distante, foi a varinha de condão que fez rebentar a oculta fonte de Juvencia. Desde esse instante de milagre, o conde de Monsaraz sentiu-se em acordo com as predileções mais vivas da sua alma. A sua voz ganhara o acenfo inspirado das vozes iluminadas. E á sombra das arvores altas da velha quinta familiar, sob o olhar amoravel de Nossa Senhora das Vidigueiras, o Poeta curvou-se ás revelações do Sangue e da Terra, em busca do verdadeiro sentido da Immortalidade.

Renan escreveu um dia dos seus antepassados que eles tinham vivido durante centenas de anos uma vida obscura, fazendo economias de pensamentos e de sensações, de cujo capital se sentia o herdeiro. Essa economia ancestral tambem aflorou na personalidade do conde de Monsaraz. E'-me grato a mim, e em critica rigorosamente scientifica, explicar o individuo pelos seus antecedentes. A dinastia agricola de que o conde de Monsaraz derivou é quanto me basta para achar a compreensão perfeita da sua psicologia. Teem raizes profundas os Papanças. São duma linhagem de homens-bons que já no seculo xviii se assentava em vereação no cume arrogante de Monsaraz. Os arquivos publicos guardam a habilitação de José Mendes Papança em abril de 1779

para cavaleiro professo da ordem de Christo (1).

«José Mendes Papança, — diz o juiz da inquirição —, he filho de legitimo matrimonio de Manoel Mendes Papança e de Antonia Godinha, todos naturaes da Freguezia de Nossa Senhora da Caridade termo da villa de Monsaraz... neto paterno de Manoel Mendes e de Maria Marques... materno de Domingos Alves e de Margarida Braz». E continua o documento na sua parte mais expressiva: — «que o pertendente he actualmente vereador naquella Vila, que se trata á lei da nobreza por ser nobre por seus paes e avós que forão lavradores abastados fabricando suas Herdades com muitos Creolos e Escravos, e que seu avó materno fora professo na ordem de Christo, todos conhecidos por nobres sem exercisio mecano e que o pertendente tem todos os requisitos de nobreza e as mais que determina o Definitorio». Viver á lei da nobreza era ser-se autoridade social, era servir-se com mais encargos do que direitos o bem comum. Ricos, os Papanças aceitavam com diligencia e zelo as responsabilidades publicas da sua fortuna. Perdeu o tempo presente a noção destes valores mo raes. Não a perco eu, porque um grande homem é o fructo merecido pelos seus antepassados. «Quando uma familia viveu um longo passado na ordem e no dever, — comenta Edmond Picard ácerca de Gustave Le Bon —, surge por vezes um ser superior que é como que a flôr ou o fructo da arvore familiar». O conde de Monsaraz foi a recompensa obtida pela disciplina de seus Maiores. «Vós conhecereis a arvore pelos fructos, — ensinam os Evangelhos. Não deram de si melhor prova aqueles bons lavradores alentejanos que tão alto se sublimaram nas virtúdes do seu sangue! Defenderam a terra que lavravam, já com o recuado Domingos Alvares, cavaleiro de Christo, certamente por feitos proprios na fronteira em maré aziaga da

(1) Torre do Tombo, *Habilitações da Ordem de Christo*.

invasão, já, mais perto, com Joaquim Romão Mendes Papança, procurador de Monsaraz nas côrtes de 28, clamando o voto do seu concelho na obediência ao Rey e no respeito á Fé. Quem assim tirava da charrua uma espada para a mudar em rilha fecunda sempre que o perigo passasse, tornava-se digno de ser glorificado perante Deus e perante os

homens por alguém da sua carne. De pé, ante da assemblêa dos Manes, o conde de Monsaraz não se sentiria envergonhado por não haver seguido o sulco aberto na herdade pelo esforço centenário dos seus. Ele espiritualizou esse esforço. E, communicando-lhe a alma da sua alma, deu-lhe para sempre a expressão das coisas imortaes.

ANTONIO SARDINHA.



## Em louvor do lume

Á' lareira, onde a lenha se consome.  
Flamejante, num lume claro e vivo,  
Acho mais belo o teu tão lindo nome,  
Sentindo que de ti sou mais cativo.

Gosto de ver teu ar tão recolhido,  
Tua graça piedosa e teu sorriso,  
Ao clarão do bom lume apetecido,  
Que faz do nosso lar o Paraizo.

A' luz do fogo, a tua frente casta  
Nimba-se de esplendor: és uma santa...  
E um só olhar dos teus é quanto basta  
Pra que a sombra do lar não seja tanta...

A chama sobe, em glória, triunfante,  
— ¡E logo tudo em volta me sorri!  
¡Bendigo o mundo e o feliz instante  
Em que o lar se fez céu por mor de ti!

Deus fez o lume, o facho esplendoroso,  
Pra alumiar a nossa escuridão;  
Mas o Amor foi quem, num almo goso,  
O acendeu no lar do coração.

A' luz da chama inquieta e confortante,  
Dançando sobre a lenha consumida,  
Mal penso em como a vida é um instante,  
E sinto dilatar-se em mim a Vida...

Olhando as brasas, em que a chama dança,  
E a branca cinza que lhes dá mortalha,  
Evoco as eras pronde a mente avança,  
E véjo os meus Avós ferir batalha.

No gesto ousado e nobre de quem faz,  
A' custa do seu sangue, um Grande-Lar,  
Onde o génio dos seus seja capaz  
De criar vida excelsa e triunfar...

O lume é como o sangue de uma raça,  
Prendendo as gerações ao que já foi:  
A gente ao seu calor é que se abraça  
A's grandêzas que o Tempo nos destroi...

Fogo — é laço de amor familiar,  
Quando acêso na lenha da lareira;  
E o amor que êle enlança é secular,  
Indo plos tempos fóra, a vida inteira...

Por isso, ó meu Amor, ¡chega-te ao lume!  
Aquece as tuas mãos e o coração...  
Sagra com teu exemplo êste costume,  
Que o nosso amor volveu em devoção!

E quando o seu calor te ungir de paz,  
Dizendo à tua alminha que não mude,  
Has-de sentir que Deus, se o lume faz,  
¡E' pra que a Vida tenha mais virtude!...



Desenho de Saavedra Machado

# A lavradora do Freixo

(Inédito)

*Ultima poesia do Conde de Monsaraz*

I

A lavradora do Freixo  
Vae á missa a Santo-Aleixo,

Num vistoso churrião  
Pintalgado até mais não.

Leva á prítica atrelados  
Os dois machos mais cotados,

Mais possantes e maiores  
Que ha naqueles arredores.

Ela e as suas criadas  
Vão todas endomingadas.

De mantilha a lavradora,  
Muito branca e muito loura,

Ostenta no arfar das sedas  
Um cordão de cem moedas,

Nas orelhas pequeninas  
Píngentes de pedras finas,

E nas mãos, coisa estupenda!  
Dentre os mitenes de renda,

Espreitam, fulgem olhares  
De diamantes seculares.

A' morte da mãe ela era  
Um gomo de primavera ;

Abriu, inflaram-lhe os flancos  
E os peitos ao sol dos campos,

E assim formosa e ricassa,  
Tanto saude e tal graça,

E fama na freguezia  
De que o pae lhe entregaria,

Em papeis, terras e gados  
De dote cem mil cruzados,

Trazia as almas acesas  
Num delirio de grandezas,

E os moços a toda a hora,  
Em volta da lavradora,

Impando qual mais podia  
De embofia e tafularia.

No tilintar das guiseiras  
Pelas estradas soalheiras,

Dizem os machos a trote:  
«Cem mil cruzados de dote!»

E quando no adro se apeia  
Têm todos a mesma ideia,

Olhando-a embasbacados:  
«De dote cem mil cruzados!».

A ponto que ela passando,  
As sedas rangendo e arfando,

Entre o povo que enche a egreja  
Ouve dizer, salvo seja,

Em voz baixa e mercantil:  
«Quantos cruzados? Cem mil!»

E' um assalto. Mas ela  
Nem olha nem lhes dá trela.

Só pensa durante a missa  
Num cuja carne cubiça:

O pastor desempenado  
Que á tardinha atraz do gado,

Passa, robusto e moreno,  
Simples como um nazareno,

Que a olha humilde e lhe ateia  
O sangue de veia em veia

E ao rubor do sol poente  
A saúda christãmente,

Num paganismo que a inflama:  
«Deus a guarde, Senhora Ama».

## II

A lavradora do Freixo  
Já não vae a Santo-Aleixo.

Perdeu a côr, anda triste  
E todo o seu mal consiste

Na recondita amargura  
Que a vae minando e a tortura,

Nesse amor ardente e louco  
Que a consome pouco a pouco.

Ninguem o sabe, ninguem...  
Não tem irmãos, não tem mãe,

E o pae, se o soubesse um dia,  
Santo Deus o que haveria!

Toda a tarde anda no ar  
A' espera de o ver passar.

E na volta dos trabalhos,  
Quando ouve ao os chocalhos

E os balidos das ovelhas,  
Corre e vae, faces vermelhas,

Olhos a arder á janela,  
Num tremor que as mãos lhe gela,

Que a perturba e que a domina,  
Seu fadario e sua sina,

E hirta, ali fica aguardando  
O doce momento, quando

O pastor alto e moreno  
Corresponde ao seu aceno.

## III

Aproxima-se o rebanho.  
Sol posto. Que quadro estranho!

Na tarde quieta e florida  
Tudo ao repouso convida;

O aroma irradia, esparso  
Das seivas em fins de Março.

Sobre os montados de azinho  
Cantam rôlas de mansinho;

Passa um halito que cheira  
A' ortelã da ribeira

Vem da horta, onde ás centenas  
Turibulos de assucenas

Perfumam o ar. Tranquilos,  
Rindo, conversam os grilos;

Perfilam-se ao longe as faias  
E as brancas, leves cambraias

Das macieiras em flor,  
Como um bando encantador

De raparigas, que vão  
A' primeira comunhão.

Passa o rebanho e atraz dele,  
Gabão e ceifões de péle,

Cinta vermelha e cajado,  
Vae o pastor adorado!

E erguendo os olhos a mêdo,  
Tão longe do seu segredo,

Humilde e risonho, exclama:  
«Deus a guarde, Senhora Ama».

## IV

Uma noite a lavradora,  
Pálida e histérica, chora

No seu leito de solteira.  
E então, pela vez primeira,

O inferno a arder dentro d'alma,  
Ao ver que nada lh'o acalma,

Nem pudor, nem religião,  
Ergue-se, veste-se, e então

Não resiste á ideia insana  
De ir ter com ele á cabana;

De lhe incendiar os desejos  
Com labaredas de beijos,

E dizer-lhe, enlanguescida:  
«Dou-te o corpo, dou-te a vida,

Porque, flor curvada na haste,  
Me endoideceste e embruxaste!»!

E foi... e até de manhã!...  
Noite de nupcias pagã...

## V

Andam no monte os criados  
Aflictos e alvoraçados.

De casa em casa rebôa:  
«Fugiu de noite a patroa».

«Com quem?» E as criadas velhas:  
«Com o pastor das ovelhas!»

O pae ouvindo-os, em ira,  
Ruge vermelho: «É mentira!»

E cambaleando, asfiziado,  
Cae de bruços no sobrado,

Num frouxo de apoplexia...  
Dias depois desse dia,

Muito á capucha, casava  
O Senhor e a sua escrava.

Conceito e maxima eterna:  
A carne é quem nos governa!

E por isso em Santo-Aleixo  
A lavradora do Freixo,

Numa loucura de amor,  
Casou com o seu pastor.

E quem gosa a dinheirama  
E os encantos da sua ama,

Sem que os outros atropéle,  
Não são os outros, é ele!

# Etnographia alentejana

Notas de folklore

## O rancho da azeitona (Extremoz e Elvas)

*A Segecia, fada benéfica das messes... — a Pomona e Vertumno, thalamo protector das flores e dos fructos...*

Pelos campos do Alentejo, terra prometida do azeite e do pão, o anno reduz-se a duas estações, espaçadas em extremas de calor e de frio, e caracterizadas pela colheita que lhes dá uma feição especial, absorvente das mais fainas agrícolas. — A das ceifas, ou, como em linguagem provincial se diz, *a acêfa*, o tempo quente, em que o sol arde na charneca; — a da azeitona, da *apanha*, *apanho* ou *apanhamento da azeitona*, o tempo invernos, quando o tempo regela nos olivares e a chuva curte a pelle aspera e grossa.

E' a *folhinha* campesina. (1)

Por ellas ficam apontadas as grandes peripécias da vida agrícola: pontos de referencia para o calculo de ganhos e perdas da economia do anno, meta de encontros amorosos nos *ranchos* que se contractam para os trabalhos do campo, época de festas características, cartel de casamentos que na balança financeira se resolvem ou adiam.

As outras colheitas tem apenas uma importancia relativa, mais ou menos limitada a algumas regiões. Por isso os trabalhos que não sejam os das ceifas e da apanha da azeitona, ou os preparam, ou tem á margem

d'elles um valor muito secundario, simplesmente episodico, ante a importancia colossal que a cultura predilecta e intensiva lhes dá.

A vindima não deixa cunho especial no *folklore* alentejano, como nas regiões vinha-teiras do Norte, onde a vinha é o que a seara para o Alentejo representa nos habitos e costumes do povo. Os ranchos de Transmontanos, Minhotos e Beirões, que affluem aos vinhedos do Douro, levam no regresso ás aldeias da serra preciosos cantares dyonisiacos. (1) São as romarias agrícolas que, como as dos oragos, se associam nas cantigas com os requebros amorosos. E assim a vinha, a uva, formam um motivo constante na poesia popular, sem nunca olvidar esse rictus

(1) Dos arredores de Chaves, as mulheres que á tardinha voltam de regresso da vindima, entram na villa a cantar em côro com um rythmo rapido, evocador de melodia bacchica, estas duas quadras cuja vibração o crepusculo mantém:

Chora a videira,  
O' videirinha.  
Chora a videira,  
O' vida minha.

Chora a videira,  
O' videirão.  
Chora a videira,  
Do meu coração.

(1) Pontos secundarios do calendario campestre, em relação aos dois, que por si dividem o anno agrícola e economico, são as *feiras* e *romarias*. Estas porém ligam-se e dependem intimamente da marcação d'aquelles. Diz-se: tal festa é pela *acêfa*, antes ou depois da *acêfa*...

Note-se o *parallelismo* choreographico d'estes rondós. Cfr. José Joaquim Nunes, na *Revista Lusitana*, 1909, XII, 241-46.

sarcastico, tão do espirito livre e simplista do povo. Dois exemplos:

O olho da vide chora  
Lgrimas de seis a seis;  
Tambem os meus olhos choram,  
A causa bem na sabeis.

(Douro)

Fui ao Douro á vindima,  
Não achei que vindimar;  
Vindimaram-me as costellas,  
Foi o que lá fui ganhar.

(Villa Real). (1)

No Alentejo canta a seara, canta o olival. A canção do campo é lenta como a paisagem, como o anno; monotona como os imensos montados, as infinitas searas, as oliveas sem fim, mysteriosos, de folhas prateadas e ramos symbolicos de victoria, de paz, de fecundidade; (2)—quente como o sol do deserto. No calor fundente, a seara é o theatro da mais garrida festa do mundo: cantos, amores folguedos, numa alegria de festas eleusinas.

A disparidade extrema das duas estações do anno estabelece a moda feminina da aldeia. Os montes são sempre brancos, ao rez da terra, achegados a um montão de arvoredo; á roda, nas pendoradas as oliveas e montados, que se estendem ao largo; na baixa o trigo, como um vasto mar. E as mulheres que no inverno, para a *apanha da azeitona*, vão de trajos escuros, a segurar o

(1) *Revista Lusitana*, vol. X, p. 130, n.º 422: *Tradições populares e linguagem de Villa Real*, de A. Gomes Pereira.

(2) *Symbolo de paz e de victoria: corona panathenaea ou olympia*, de oliveira da Acropole, para os vencedores dos jogos panatheneicos e olympicos (Plinio, *Hist. Nat.* XV, 19); Esparta coroou de oliveira o vencedor de Salamina, Themistocles (Plutarcho, *Themistocles*, 21); a deusa Pax (*Eiréné* grega) tinha por attributos um ramo de oliveira, um caduceo e uma cornucopia. *Symbolo da fecundidade*: as estatuas de Damia e Auxéria, do Epidauro, eram de oliveira; chegavam-se a ellas as mulheres; sacrificavam-lhes as noivas; eram deusas da fecundidade (Herodoto, V, 82).

calor do sol nos tecidos pesados e revelhos, vão para as ceifas, no mês de Junho em deanteira, todas de claro ou branco, vestidos leves, onde o sol resvala. (1) Só o chapirão enorme, o *chapeu alentejano*, redondo, copado, abas largas, se mantêm commum ás duas indumentarias. (2)

Uma quadra de Santa Victoria do Ameixial (Extremoz) dá ideia da expressão poetica da paisagem, transmittida pelo *folklore*. E' esta: (3)

Oh! que bello milho, milho!  
Oh! que bella milharada!  
Oh! que linda vista de olhos,  
Para quem vae de jornada!

(1) *Preparos do traje da acêfa*: saias amanhadas em calções, arregaçadas até os joelhos e seguras na perna com os *arêlos* (*ourellos*), atilhos de fazenda ou cordões; *punhos* de pano para proteger os pulsos; *manguitos*, mangas até o cotovello, de pano; para protecção dos dedos tem os *canudos* de canna, em numero de três, para o pollegar, indicador, e maximo da mão esquerda, noutras provincias chamados *dedeiras*, de canna tambem e de couro. Os canudos são entalhados de desenhos feitos, *bordados*, como dizem, pelos rapazes, que os offerecem ás namoradas, como em Coimbra os *campos* de tear, e em todo o norte as *rocas*; os desenhos dão flores, symbolos e nomes ou simplesmente iniciaes, e os entalhes são por vezes cobertos de tinta azul e vermelha. Estes trabalhos são em geral producto da «arte dos pastores», que os fazem para si ou por encomenda.

(2) O chapeu vae ornamentado com uma pena de pavão, exactamente como os homens o usam nos dias de *domingar*, ou nas romarias. E' a mesma tendencia do enfeite. Não é só a nota decorativa tão antiga como a tatuagem, e tão natural, que lhes faz escolher a pena, nem a Portugal se limita o espirito do uso de ornamentos de penas. Comparam-se o uso e as cantigas. Lembrem-se os pastores do Tyrol, os ornatos dos tremós na Russia, os negros de Africa, os pelles vermelhas, os tasmanianos, etc. Uma quadra:

Eu da pena do pavão  
Fiz uma chave á inglesa,  
Para abrir o teu coração  
Com toda a delicadeza.

Santa Victoria.

(3) Colhida pelo auctor, no local.

E' uma paisagem de verão, ao lado d'esse cantar do mesmo tempo:

Está calma qu'abrsa o mundo,  
A' sombra m'estou queimando;  
Que fará o meu amor,  
Qu'anda na eira alimpando? (1)

Vem o inverno, e formam-se os ranchos para a apanha ou apanhamento da azeitona. O pessoal permanente das herdades não

trabalhadores. O bando era formado pelos escravos do senhor, e por jornaleiros livres ou não. Nas obras por empresa (empreitada), assumia a direcção um *villicus* ou *auctor*, que dava conta ao enfeudado do proprietário (*procurator*) ou a elle proprio. Tinha sob as suas ordens a *familia rustica* (hoje todo o pessoal reunido tem a designação collectiva de *familia*), que era constituída assim: a), «escravos agricolas» (no caso da



DE VOLTA DOS SERVIÇOS NO ALENTEJO — O RANCHO DA AZEITONA  
(Quadro de Simão Cesar Dordio Gomes, adquirido pelo Museu de Arte Contemporanea)

chega para a faina. Vão buscar *familia*, contractando fora desse pessoal os *gánhões*, que hão-de fazer o serviço e, de anno para anno, vão sendo os mesmos, como acontece nos outros trabalhos agricolas. Das Beiras descem os *ratinhos* a procurar emprego.

Os Romanos, na exploração por arrendamento ou por conta propria, empregavam um *systema* semelhante no recrutamento de

colheita da azeitona. *oleitas* ou *olivitas*, eram os *operarii*, os *leguli*, *factores*, ou *torcularii*, isto é os lagareiros, os *capulatores*, ou tanoeiros); b), «pastores»; c), os escravos reservados para os quintaes e capoeiras (*villica pastio*). (1)

(1) J. Marquardt, *La vie des Romains*, tomo I, pag. 162 e ss. O azeite era conservado, como hoje ainda se usa no Alentejo, em grandes vasilhas de barro, *doliae* (*op. cit.* II, 298), *seriae*; as conservas de azeite no *cadus* (*id.* 300). O gut-

(1) *Id. id.*



O processo de colhêr a azeitona era, entre os Gregos, o varejamento. Vasos pintados mostram homens munidos de varapaus, uns montados na arvore, outros em baixo, a varejarem com elles o fructo (1). E' ainda o uso de hoje, só, ou completado pelo arranque manual de esgarçamento.

O rancho converge todas as manhãs no olival. Em cabanejos, em tarros mais ou menos decorados de lavores, levam o farnel ou *panno de aviar* (Elvas). Os homens de *çafões*, carapuça até ás orelhas, mettidos nos *pellicos* ou nos capotes alentejanos de estamenha, breve libertam os braços, e, em *pellico*, ou mangas de camisa e colete, põem-se a esfarripar ou varejar (*avarjadores*) os ramos da oliveira. As mulheres, de saias apanhadas, como na *acêfa*, em forma de calções, lenço amarrado sob o chapéu, e o chaile ou um lenço de malha (*cachiné*), cruzado no peito como os mantos das sacerdotizas de Isis (2), vão levantando a azeitona do chão (*apanhadeiras*), e enchem os *cabanejos*, que o *manageiro*, chefe do rancho, conta. A jorna é paga a dia, ou ao numero de cabazes transportados; depende do trabalho individual (*apanhadeiras*), ou l'éria préestabelecida (*avarjadores*, etc.).

Na paisagem sombria, gélida, o espirito desenvolve-se cantando. E' a alma do campo. Se nas ceifas a cantiga é nervosa, sensual; pela *apanha*, ha por ella uma graça mais casta, mais delicada e espiritualizada.

Os olhos do meu amor  
São duas *azeitoninhas*:  
Fechados, são dois botões;  
Abertos, duas rosinhas (3).

*tus* era um vaso ritual, empregado para o vinho e o azeite nos sacrificios (303). W. Ramsay, *An elementary manual of Rom. Antiquities*, 247, 250 254 e ss. — ninth ed. «*Instrumenta, the persons, animals...*»

(1) Duruy, *Histoire des Grecs*, I, 716. Walters, *Catalog. of the Greek Vase in British Museum*, II, B. 226.

(2) *Atti della R. Academ. dei Lincei*, I, 5.<sup>a</sup> serie, 112, fig. na pag. 115.

(3) Da minha colecção de Santa Victoria do Ameixial.

Deve reparar-se no descriptivo naturalístico, e no acabamento da imagem, que ficou completa, chronologica e symetrica.

As cantigas tanto envolvem o amor com a azeitona, como se referem ao trabalho do *apanho* e aos utensilios usados (1).

Avarjae, *avarjadores*,  
Apanhae, *apanhadeiras*;  
Apanhae baguinhos d'ouro,  
Que caem das oliveiras.

O' *ciranda*, ó *cirandinha*,  
Vamos nós a *cirandar*;  
Lá no tempo da azeitona  
Anda a *ciranda* no ar.

A festa grande do *apanhamento* é no final. Acabada a colheita, realiza-se a festa do *acabamento*. Lembram as antigas festas pagãs em honra dos deuses protectores da agricultura: Ceres, dos trabalhos agricolas, Baccho, da vinicultura. Eram as Bacchanaes em honra d'este, as Eleusinas, com os mysterios de Eleusis, em homenagem a Ceres.

Em Extremoz, no dia do *acabamento*, ha missa a que o rancho concorre, para dar á festa o encanto da solemnidade. Mulheres e homens entram e saem da igreja, a cantar e a erguer vivas aos patrões. O traje é singular: mulheres, de saia azul, lenço de malha ao pescoço, blusa berrante, outro lenço na cabeça debaixo do chapéu; homens, de fato alentejano, — de jaqueta curta aberta, cõr de pinhão, a mostrar a cinta azul ou vermelha e a camisa branca, de calça justinha á perna; uns e outros com os sapatorros de couro grosso, feitos no Alentejo e no Algarve.

De um lenço de seda fazem uma bandeira, e dependuram-lhe das duas pontas livres outras tantas fitas. O *manageiro* transporta-a, no meio do rancho. Ladeiam-no duas mu-

(1) Quadras colhidas nos campos de Elvas por Antonio Thomás Pires, que podem vêr-se com outras no livro de Victorino de Almada, *Concelho d'Elvas*, etc. Elvas, 1889, II, 464, s. v. «azeitona».

lheres que seguram as fitas. E lá vão para casa dos donos do olival, com vivas, saudações, cantigas. Chegados, repetem os vivas que tem de conceito uma semelhança grande com as *Janeiras* e os *Reis*, pois que n'elles se formulam todos os desejos, concebíveis, pela felicidade dos patrões. Estes dão-lhes de comer e beber, que de ordinario é carne, passás, filhós, vinhos e aguardente. De volta, vão para casa de um dos do rancho, ou para os celleiros dos patrões, e ahí segue a *função* nocturna, em que se bailam (*balham*) as *saias*, dança barbara de um movimento saltado, agil, contínuo, as *valsas*, as *mazurkas*, as *chòtices*, adaptação campestre de danças de salão.

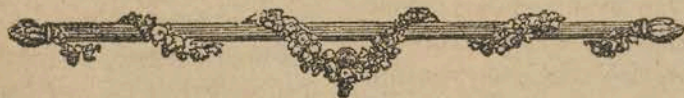
Em Elvas, ha durante o *apanhamento* o costume do *arrebolar*. Nas horas do descanço, um rapaz leva a bem ou á força uma rapariga, e aproximando-se de uma ladeira

subjuga-a e deita-se a *rebolar* com ella pelo pendor.

No principio, o *rancho* elege o *alferes*, a *juíza* e a *mordoma*. No dia do *acabamento* é o *alferes* quem leva a bandeira, feita de fitas de seda, e pendentes da cruz dois ramos de laranjas. A' volta vão homens e mulheres com archotes de palha encerada, a seguir a *juíza* e a *mordoma*; atraz o rancho canta. O *alferes* veste á *moura*: calças brancas, largas, jaqueta igual, cinta-vermelha a tira-collo, turbante de papelão. A *juíza* e a *mordoma* vão de branco, duas tranças pelas costas abaixo, ligadas nas pontas por fitas em laço. O caminho é o mesmo. As raparigas levam ramos de flores ou laranjas (1).

LUIS CHAVES.

(1) Victorino de Almada, *Concelho d'Elvas*; II, p. 464 e seg., s. v. «azeitona».



## SAUDADE

### A meu Pae

Desde o dia chuvoso em que partiste  
A procurar o pão p'ra todos nós,  
Delira em sonhos a minha alma triste  
Com ancias loucas de te ouvir a voz.

Dentro do peito, no meu peito existe  
Rio de máguas d'ignorada foz  
Desde o dia chuvoso em que partiste  
A procurar o pão p'ra todos nós.

Como Christo subindo o seu Calvario,  
Cingindo ao corpo as dobras do sudario,  
Tinha saudades do seu Pae celeste,

Assim tambem, n'este luctar constante  
Vou caminhando pelo mundo, errante.  
Lembrando o beijo que no cais me déste.

# Festim de Cápua

Ao moço e já . . . Arqueólogo  
Sr. Luis Chaves



Desenho de Martinho Gomes  
da Fonseca

O cinoz, a pandura, o saltérion e a lira  
Casavam-se ao clangor das trombetas guerreiras.  
Os vinhos da Campânia e o licor de Palmira  
Enlanguesciam mais o olhar das bailadeiras.

Nas rosas do festim Anibal Barca aspira  
Desse itálico outôno as graças derradeiras.  
— Roma odiosa! . . . — Inda brilha entre as aguas de safira  
Birsa, no oiro da luz e o verdor das palmeiras! . . .

— Gerusiastas! não val butim de mil cidades? —  
Rodoceleia, Elissar, e as do Bétis e Gades,  
Tem da serpe o colear e a esveltez das gazelas.

Curva a fronte o Suféta. E, longe, vê nas frotas  
De Cartago, que vão pelas púnicas rôtas,  
Uma sombra aquilina a poisar-lhes nas vélas.

**Alberto Osorio de Castro.**

# ANDRÉ DE RÊSENDE

e a Numismática portuguesa (1)

Foi André de Rêsende um dos antiquários mais illustres do seu tempo: *baram mui docto em todo genero de disciplinas, & grande investigador de cousas antigas*, diz Gaspar Barreiros (2), e *o primeiro que em Portugal abriu as fontes da Antiguidade*, continúa Gaspar Estaço (3).

Nascido em Evora por 1500, tomou na mesma cidade, ainda moço, o habito dominicano, e obteve depois permissão de ir lá fóra estudar: na Universidade de Alcalá (1513-1517) ouviu as lições de Gramatica e Reto-

rica do famoso Nebrissa; em Salamanca, para onde partiu em 1518, ouviu as de grego do nosso Aires Barbosa, que ahí professava com geral aplauso.

Regressando á patria, saiu outra vez para fóra, e frequentou estudos em Marseilha, Aix, Paris e Lovaina. Em 1531 dirigiu-se a Bruxelas a convite do embaixador português D. Pedro Mascarenhas, a quem acompanhou numa expedição por Alemanha e Italia. Em 1533 estava de volta a Portugal.

Durante as suas viagens tivera occasião de tratar com muitos sabios e literatos eminentes, taes como Erasmo de Rotterdam, Vaseo, (igualmente Flamengo), Nicolao Clenardo, etc. De um lado, por este convívio com tantos eruditos, pela observação immediata dos monumentos antigos, que ao visitar notaveis cidades da Europa se lhe offereciam á contemplação, e que naquela epocha começavam a ser apreciados e estudados com indizível entusiasmo, principalmente na Italia, uma das mais felizes e bem dotadas herdeiras da antiguidade, e do outro, por ter nascido numa terra como Evora, onde não faltavam tambem memorias arcaicas: — André de Rêsende, a par com as suas prendas literarias, pois escreveu em latim muitas poesias, discursos e epistolas, sentiu-se inclinado para o estudo da Historia, e em especial para o da Archeologia patria. Em Evora as suas habitações, a julgar do que diz um biógrafo contemporaneo e amigo, eram um museu: «elle as ataviou e enriqueceo, repartindo por dentro d'ellas, e em »torno do jardim, os marmores antigos, que »pôde descobrir, com os letreiros dos Ro-

(1) De André de Rêsende, além do que conhecido escreveu Diogo Mendes de Vasconcellos (vid. infra), Barbosa Machado e Inocencio nos seus Dictionarios bibliograficos, e Cunha Rivara in *Revista Literaria* do Porto, III, 340 ss., ha uma extensa biografia manuscrita no cod. 641 da Biblioteca Nacional de Lisboa, feita por Leitão Ferreira, a qual o Sr. Braamcamp Freire deu a lume no *Archivo Hist. Port.*, vol. VII-IX, aumentando-a de ricos comentarios (ed. separada: *Noticias da Vida de André de Rêsende*, Lisboa 1916, XXII-248 pp.). Vid. mais sobre o assunto: D. Carolina Michaëlis, *Notas Vicentinas*, Coimbra 1912, p. 44, 58 e 89, onde cita outros trabalhos seus; Braamcamp Freire, *Critica e Historia*, I, 82 ss.; A. F. Barata, *André de Rêsende: Lucio?* Evora 1905, e *Noites de Evora*, n.º 1, pag. 5; *O Archeologo Português*, IV, 122, e V, 87; *Archivo Hist. Port.*, III, 43 e ss.; *O Translagano*, 1860, n.º 62, 63 e 64 (testamento de A. de Rêsende). Alguns dos escritos aqui citados apareceram já depois de redigida a presente noticia; não reformo o meu trabalho, mas aproveito aqui e além o que foi publicado ultimamente.

(2) *Chorographia de alguns lugares*, Coimbra 1561, fls. 2.

(3) *Varias antiguid. de Portugal*, ed. de 1754, cp. 44, § 5.

»manos» (1). No proprio testamento estabelece Rêsende o seguinte: «Mando ao meu »herdeyro que tenha muy bem guardadas »as pedras d'antigoalhos, e letras Romanas »que tenho em minha casa, para todo tempo »se saber o que nellas se contém» (2). Era como o avaro (mas louvavel avaro!), que ainda depois da morte quer vigiar o tesouro querido.

André de Rêsende, lembrado do preceito horaciano, *utile dulci*, e ainda mais, como verdadeiro erudito que passeou pela Italia, fundou perto de Evora «huma quinta muito »deleitavel pela cópia de árvores, e abundancia de ágoa, que corria de uma sumptuosa fonte, na qual estavam abertos em »hum marmore estes versos:

»Exere, Nai, caput tenebrosa e rupe, laetumque  
»Vise tibi sacrum pomiferumque nemus,  
»Per quod, ubi laeto discurrens libera fluxu,  
»Arboribus veniat copia laeta tuis.» (3).

Aliando o gosto poetico á erudição, e as comodidades da vida á fé cristã, Rêsende levantou sobranceira á sua fonte bandusiana uma *casa de prazer*, com uma cruz esculpida, em cujo sopé se liam outros versos latinos de character ascetico (4). Era nesta perfeita *villa*, situada em Valbom, que, como o seu mestre Horacio em Tibur, ele passava horas deliciosas, acompanhado dos seus familiares, «altercando com elles varias questões litterarias» (5). Contudo, como sempre

acontece em circunstancias analogas, não faltaram emulos e competidores da glória do nosso antiquario, pois este diz, num poema datado de 1535, que melhor lhe fôra estar a fazer versos na sua quinta de Valbom, do que viver na escravidão da cõrte (1).

Vimos acima que as salas e o jardim das casas que Rêsende possuia dentro da cidade de Evora estavam ornamentados de inscrições lapidares: para a colheita d'elas, como todos os arqueologos práticos e activos, tinha Rêsende por costume, quando viajava, levar «antre a sua matalotagem hum enxadam e outras ferramentas: por tal que, donde »apparecessem vestigios de antiguidade, á »sua custa e diligencia os pudesse desenterrar e mostrar a seus naturaes; o que fez »em muitos logares, com tal cuidado e vontade, que por cumprir com esta obra nunca »já mais forrou nem despesa, nem trabalho» (2). D'este modo, e com o auxilio de noticias que já encontrára escritas, conseguiu organizar as obras que se denominam *Historia da antiguidade da cidade de Evora* (1553), e *De antiquitatibus Lusitaniae* (1.<sup>a</sup> ed., 1593), que são a synthese dos seus estudos de arqueologia nacional, mas das quaes não é aqui occasião de falar (3). Ainda que investigador dedicado e prestimoso, não conseguiu porém fugir á tentação, peculiar a muitos investigadores do seu tempo e a outros posteriores, de, como glorificador da terra natal, forjar várias inscrições que quis fazer passar como romanas, sendo elas apocrifas (4).

(1) Diogo Mendes de Vasconcellos na *Vida* que precede a *Hist. da antig. de Evora*, ed. de Sousa Farinha, 1785, pg. 28. — Na mesma *Hist. da antig. de Evora* allude Rêsende a estas pedras que tinha em casa: cap. VI, cap. VIII, cap. X.

(2) Vid. a mencionada edição de Sousa Farinha, pag. 34. nota, e *O Transtagano*, n.º 64, 1860.

(3) Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, 162.

(4) Cfr. *O Arch. Port.*, IV, 123.

(5) Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, loco citato. *Valbom*, nome ainda hoje vivo, designa propriamente a região em que ficava a quinta

rêsendiana. O local d'esta quinta está hoje incorporado na da Manisola, do Sr. Visconde da Esperança: vid. Barata in *O Arch. Port.*, V, 89.

(1) *Archivo Hist. Port.*, VIII, 68-69. E cfr. pag. 176-177.

(2) Diogo Mendes de Vasconcellos, *ib.*, pg. 28.

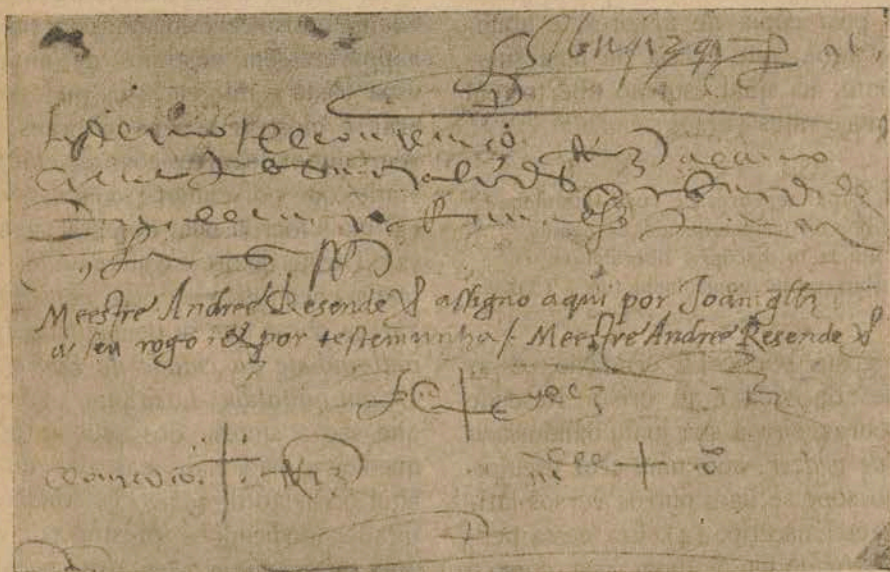
(3) *Dos Antiqua Epitaphia*, collecção de inscrições romanas da Peninsula, organizada por André de Rêsende, vid. o que diz Leitão Ferreira: *Archivo Hist. Port.*, VIII, 63-64.

(4) Cfr.: E. Hübner, *Notic. arch. de Portugal*, pg. 43-46; e as minhas observações no *Archeologo Português*, VI, 52.

Nos estudos archeologicos abrangia Résende os numismaticos; postoque nos não deixasse trabalhos especiaes ácerca d'este assunto, merece aqui menção como coleccionador de moedas.

Do seu monetario acha-se esta disposição no testamento, na qual Résende se refere ao duque de Aveiro: «No meu cofre ha hy tres »moedas douro de Nero, de que el Rey nosso »Senhor me fez mercee; e ha hy muitas de »prata muito curiosas: se sua illustrissima Se- »nhoria se contentar dellas, e assi doutras

sende desejaria augmentar-lhe assim, por favores que lhe devia, e de que fala noutra clausula, o peculio numismatico. — Na *Hist. da antig. da cid. de Evora*, cap. VI, lê-se mais o seguinte (a ortografia é ultra-etimologica!): «Era Euora em tempo dos romanos, »& ainda dos godos, assaz noble, & em ella se »batia moeda. Ho que soube por huma que »Ambrosio de Moralles, varão doctissimo, »chronista del Rei Philippe de Castella, & »cathedratico em ha insigne universidade de »Alcalá, me mandou, que tem de huma parte



AUTOGRÁFO EM QUE SE VÊ A ASSIGNATURA DE ANDRÉ DE RÉSENDE DO «ARCHIVO HISTÓRICO», T. IX, ANTE P. 237. — COM PERMISSÃO DO SR. BRAAMCAMP FREIRE

»muitas que a hy estam, sirvasse dellas, e »lambrelhe que fuy Mestre do Duque Seu »Pay, e da Duqueza Sua May» (4). A notícia é demasiado sucinta para só por ela se poder inferir qual a qualidade e importancia do monetario de André de Résende, ao tempo em que fez o seu testamento; por outro lado ficamos tambem em dúvida se nesta herança que deixou ao duque de Aveiro iria uma simples lembrança de amizade, ou se effectivamente o duque era coleccionador, como outros fidalgos d'esta epoca, e então Ré-

»ha cabeça do imperador Germanico, com »estas letras: GERM. CAES. AVG., & de- »mostra ha face skerda; da outra parte tem »huma coroa de folhas com estas letras »dentro em tres reglas: LIBERALITATIS. »IVLLÆ. EBORÆ. Tenho tambem outra »moeda de prata barbara, & mal feita, del »Rei dos godos Sisebuto, ha qual de huma »parte tem ha imagem do mesmo Rei, com »seu litereiro: SISEBVTVS. REX; & da ou- »tra parte huma cruz, & per ha roda estas le- »tras: CIVITAS EBORA» (1). Acerca da

(4) Ed. de Sousa Farinha, pg. 33, nota.

(1) Cfr. Tambem Ambrosio de Morales, *Coronica General*, Alcalá 1577, liv. XII, cap. 14.

primeira d'estas moedas notarei que ella não é de Germanico, mas de Augusto, pois Résende tomou inexactamente PERM · CAES, abreviatura de *perm(issu) Caes(aris)*, por *GERM(anicus) CAES(ar)* (1). Acerca da segunda devo observar que, se Résende diz que ella é de prata, devia dizer que era de ouro baixo, porque os Visigodos não cunharam moedas de prata; contudo Heiss tem com razão esta por falsa (2), e já Florez a achava estranha (3).

André de Résende faleceu em Evora em 9 de Dezembro de 1573. Nunca descuidoso, nem da glória pessoal, nem dos estudos archeologicos, ordenou por testamento que na tampa do seu sepulcro se gravasse uma inscrição em que se lia a fórmula final, ou clausula, dos epitafios romanos: *H(ic) S(itus) E(st)* (4).

Não ponho dúvida em chamar feliz ao antiquario eborense, porque, tendo ele a sorte de nascer no tempo do maior esplendor do nosso país, durante o qual se constituiu o imperio portuguez do Oriente, a cujas glorias alude por vezes em seus escritos; tendo gozado da privança de reis e de principes, de D. João III e dos irmãos d'este, D. Duarte, de quem foi mestre e biógrafo, o cardeal D. Henrique, o cardeal D. Afonso; tendo-se correspondido familiarmente com homens notaveis nas letras, uns de Portugal, como Goes, Barros, Jeronimo Cardoso, Jorge Coelho, Fr. Marcos de Lisboa, outros de fóra, como Conrado Goclenio, Ambrosio de Morales, etc.: pôde realizar cumpridamente, e em plena paz interior, a maior

(1) Cf. Heiss. *Monnaies antiques d'Espagne* (et de Portugal), Paris 1870, pag. 408; Hübner, *Monum. ling. Ibericae*, Berlim 1883, pag. 136; e *O Arch. Port.*, VI, 82, e est. I, n.º 1 (a moeda aqui figurada tem porém *permisso Caesaris* por extenso).

(2) Vide *Monnaies des rois visigoths*, Paris 1872, pag. 104, variedade do n.º 4.

(3) *Medallas*, III (1773), 231.

(4) Vid. *Archivo Hist. Port.*, VII, 395, nota.

aspiração dos espiritos cultos da epoca do Renascimento, — viver para a arte e para o passado (1).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.



### A inscrição sepulchral de André de Résende

No canto do nascente, no transepto da Sé de Evora, do lado da epistola, está um tumulo simples, onde se lê:

L. ANDREÆ RESENDII  
MEMORIE DICATVM  
EX AEDE DOMINICANA FUNDITVS EVERSA  
TANTI VIRI CINERES  
IN PERPETVVM GRATI ANIMI MONVMENTVM  
CURA ET SVMPITIBVS EBORENSIVM  
QVIBVS DECVS PATRIÆ CARVM  
HVC TRANSLATI AN. MDCCCXXXIX

L. C.



### Para um album

O estudo da psicologia humana e para mim o que tem mais interesse. Não sei, porém, se estou em erro, ou se revelo nisto mau gosto; mas se por acaso assim é, desde já vos peço desculpa!

— Eu, em geral, não gosto de incomodar. A expressão!...

Felizes os que a não conhecem: ou então, os que sabem sempre provocar a que desejam...

Desgraçados os que a compreendem e se comprazem na sua analyse!

Nada para mim tem encanto igual, nem demanda mais delicada sensibilidade artistica. — E' aí que encontro mais beleza.

Num sorriso, num olhar ve-se e sente-se a historia, a triste historia do espirito humano, com todas as suas modalidades — que não tem duas cambiantes iguaes as suas revelações e as suas sombras...

Lisboa, VI.º 916.

A. RITA MARTINS.

(1) O presente artigo, já escrito ha annos, faz parte da *Historia da Numismatica em Portugal*, que estou escrevendo.

# O ALENTEJO

A nossa provincia é, sem duvida, a terra de mais esperanças que ha em Portugal.

Ha 30 annos que uma transformação benefica se tem progressivamente produzido. Muito se tem feito; muito se está fazendo; mas muito mais é preciso fazer!

As charnecas com as suas estevas de pé caiado, tão grandes como sobreiros que enlutavam os campos até a beira dos povoados, desapareceram!

Hoje não ha incultos no Alentejo: a lei dos cereaes e os adubos quimicos fizeram esse milagre.

Apezar d'isso a riqueza enorme d'aquella provincia apenas está esboçada.

Quasi tão grande como a Belgica, com 23.885 kilometros quadrados, apenas tem uns 20 habitantes por kilometro quadrado, enquanto que aquelle paiz tinha em 1910 uns 255!

Podemos dizer sem errar que o Alentejo pode sustentar mais 5.000.000 de habitantes.

Temos boa e muita terra, que já produz alguma cousa; mas que está muito longe de produzir tudo quanto podemos e devemos d'ella extrair.

Porque não havemos de procurar tirar todo o proveito da terra?

Temos sol brilhante, luz sem nuvens, como não ha melhor em parte alguma.

Temos cincoenta e dois centimetros de coluna pluviometrica media, quantidade sufficiente para alimentar boas colheitas, desde que seja bem aproveitada.

Podemos fabricar bons adubos quimicos para corrigir as terras segundo precisem.

Porque não havemos de então scientificando os processos chegar a obter os mesmos resultados que as nações cultas?

De cereaes apenas recolhemos uma media de 8,27 sementes; porque não havemos de

obter a media de 12 se os Estados Unidos obtem aproximadamente 12; a Hungria 15; a Austria 17; a França 17; a Alemanha 26 e a Inglaterra 27?

Com a produção media de 12 sementes, ainda que as sementeiras não aumentassem, saldariamos com excesso o nosso deficit de cereaes.

No Alentejo podem irrigar-se 250.000 hectares de terrenos baixos.

Com o rego d'esta superficie criariamos uma riqueza superior a 500.000 contos; quantia tão grande que a muitos parecerá exagerada; mas que demonstraremos em futuros artigos não o ser.

Se ao mesmo tempo fossemos seleccionando as sementes indigenas, em campos de experiencia officiaes, e melhorando racionalmente as culturas de sequeiro; facil seria obter a media de produção indicada.

Conjuntamente podiamos melhorar as pastagens lançando á terra nas relvas d'estas culturas sementes apropriadas, e tornando nós terrenos baixos irrigados o trigo e a beterraba com trevos e luzerna; obtendo assim prados suficientes para matar o nosso deficit pecuario e talvez o do assucar.

Nós temos alguns pontos da nossa terra aonde os frutos são abundantes e deliciosos; Elvas, Portalegre, Castello de Vide, Montemor, Vianna, Moura e Villa Nova de Milfontes.

As conservas d'Elvas são conhecidas em todo o mundo, e muitas vezes essas conservas são feitas com frutos espanhoes.

Porque não havemos de desenvolver a cultura dos frutos apropriados em todas aquellas localidades e ampliar a industria dos frutos secos e em conserva?

Nos paizes do Norte e na America ha mercados bastantes para toda a produção.



Vergonha é dizer até, nós importamos frutos em conserva.

Temos montados de azinho e cortiça havendo em todos os concelhos esplendidas azinheiras e optimas sobreiras, que produzem a engorda dos porcos, a cortiça e a lenha.

A cultura d'estas arvores é já feita com um certo cuidado; mas pouco se tem pensado de estudar a intensificação d'esta cultura. De vez em quando vem o *burgo* destruir as colheitas.

Porque não havemos de estudar os meios de preservar as arvores d'este insecto daninho, que calamitosamente corroe riquezas inormes?

A lenha está sendo cortada a esmo e a eito, abatendo-se chaparros e arvores reaes, sem preocupação pelo futuro e só procurando aproveitar esta alta de preço.

Porque não havemos de regular, impedindo esta improvidencia, este crime?

A lenha é queimada sem aproveitarmos o que d'ella poderíamos extraír.

Se é para carvão nunca se destila e assim se perde uma riqueza enorme que inconscientemente e sem aproveitar a ninguem desprezamos.

Porque não havemos de fazer o carvão em fornos fechados portateis que permitem um melhor aproveitamento do carvão e a utilização de todas as materias destilaveis?

A cortiça exportamol-a em geral em bruto! E exportamos tanta que somos o primeiro exportador do mundo!

Esta nossa materia prima vae para o mundo todo alimentar industrias e criar riquezas.

Porque não havemos nós fabricar a nossa cortiça?

Porque não havemos de aproveitar este momento para nos libertarmos das tutelas asfixiantes em que temos vivido?

O momento é unico, ou agora ou nunca!

A lucha economica que virá depois da guerra será, para nós, mais terrivel que a propria guerra; se não nos prevenirmos cabalmente seremos esmagados!

Temos vinhos licorosos que bem tratados rivalisam com os do Porto.

Porque não havemos aproveitall-os/valorizando-os como tal?

Temos queijos deliciosos, quando bem fabricados; mas que a maior parte das vezes são consumidos n'um estado que não honra a industria alemtejana.

Porque não havemos de constituir *rouparias* sociaes em que o *roupeiro* fosse mestre a valer do seu officio e pudesse conscientemente tirar do leite todo o seu proveito?

Temos as melhores lans de Portugal e não temos nem uma officina que as prepare na provincia.

Porque não havemos de colectivamente por meio dos sindicatos agricolas, instituirmos uma entidade cooperativa ou semelhante que tomasse conta das lans as classificasse e preparasse para directamente as entregar ao fabricante?

Temos minas de pyritaferro cuprifera, cobre, chumbo, antimonio, ferro, zinco, amianto, barita e manganéz.

As primeiras e ultimas são importantes, as outras estão quasi por reconhecer. Só se exploram as minas que estão em mãos estrangeiras. Contudo muito ha que fazer com os minerios do Alemtejo.

Porque não havemos de pensar em obter o sulfato de cobre para as nossas vinhas usando o cobre das pyritas?

Porque não utilizamos a força d'inverno dos nossos rios para produzir electricamente o ferro-manganéz?

Porque não fazemos tudo o que deixo anunciado?

Sómente por falta de orientação e de educação.

Apresentámos os problemas que nos foram lembrando, e outros muitos nos escaparam.

Os verdadeiros patriotas que pensem n'elles, porque nós estamos crentes que todos são facilmente viaveis.

Demonstraremos como pensamos facil a execução d'estas esperanças que ainda fazem brilhar na nossa alma o objectivo do resurgimento da nossa Patria.

## PINCEL, CINZEL

Fechou a Exposição Nacional de Bellas Artes. Recordam-se? Por exemplo, a escultura de Macêdo, a *Noite do Calvario*, que sacrilegio! «Perdoae-lhes, Senhor — não sabem o que fazem!» (Jesus Christo, Biblia). Onde está alli a divina expressão de uma virgem espiritualizada pelo longo sofrimento? Francisco Santos foi demasiado escandaloso com aquella estatueta de mulher pezuda e toucinhenta.

Quiz dar a ideia de exuberancia e seiva mas teve apenas deformidade e brutêsa. *Nun'Alvares*, que lembra o *fresco* de Luciano Freire, é uma obra perfeita d'evocação e conjuncto; o gesto aguerrido da figura é que não tem talvez a vehemencia prompta e a brava impulsividade da alma do Condestavel.

O busto de... , ribatejano de suissas é bem executado; o auctor moldou, copiou, plasticisou mas não lhe inculiu a tal admiravel luz psychica que é condão do genio. Canto e Castro no *Gallo da Manhã* faz-nos apenas sorrir de enlêvo molle e frôuxo. Os artistas devem possuir a visão esthetica das concepções pre-executadas. Estas scenas d'alcova nunca dão em escultura fonte perenne d'empolgante inspiração embora se empreguem diabolicos meninos, dando premeditadas palmadinhas na cara dorminhoca das mamãs.

De Raul Xavier ha um busto d'escrava de temporas deprimidas que é notavel d'execução. A *Maria da Fonte* de Costa Motta é um erro de visualidade esthetica e d'interpretação historica. Maria da Fonte deveria sêr uma labrêga de pés calosos e espalmados, brava e vehemente, sem aquella bocca frouxa n'um bocêjo de molle inexpressividade e sem os delicados pés de marquêsinha.

N'esta deleitosa sala d'esculptura ha ainda

muitos outros e notaveis mônos que me abstenho d'ir encomodar, solemnes e hirtos na costumada e improgressiva compostura academica.

De Maximiliano Alves fallo com grata veneração e religiosa emotividade, pelos momentos inesqueciveis de discreta e serena comoção que produziram em mim os seus dois trabalhos, cheios ambos de uma Bellesa extranha individualizada e de talento. Os outros «puzeram-se a fazer uma esculptura» Maximiliano Alves foi o unico que criou. Na obra a *Calumnia*, esta materialisação de uma ideia de calumnia n'uma mulher é trivial, é accessivel, mas é chocante d'admiravel a psychologia da expressão e o imprevisito da attitude. A *Escrava* é uma outra obra sua que tem o mesmo cunho superior d'idiação e de factura. Eu teria muita alegria se tornasse a vêr novos trabalhos com este nome que é um grande nome d'artista veneravel e superior.

D'entre os pintores ha palêtas de talento mas creio que houve da parte de todos uma fatal preguiça de criar; ninguem evidenciou d'uma maneira rigida, caracterisante, o vinculo indissolvel da personalidade.

Burnay, por exemplo, revolveu, tateou, cogitou; quir «épater le bourgeois» mas vê se que a alma-mater de Zuloaga, amavelmente lhe dirigiu e orientou o punho debil. A tonalidade do quadro é bella pela chromatica extranhêsa das penumbras.

De Bonvalot A *Lição d'Anatomia* que é antes uma «exhibição d'anatomias e d'anatomicos» é uma tela de figuras rigidas e desencontradas sem dynamismo nem equilibrio. Defronte d'este quadro é sempre onde ha mais povo aglomerado, extasiado; eu creio bem que esta tela mediocre impressionará e fará até sonhar com mortos toda essa myriade atonita de meninas Lopes, de meninas

Soisas e de meninas Pires! . . . Malhòa digo-o com emoção — é impeccable! O *Cigarro* é uma tela que denuncia logo a talentosa technica de mestre. Parece-me, porem, que aquella lingua está um pouco sahida de mais não estará? Que admiravel o olhar agudo e perfido de vicioso!

Na Exposição ha tambem varios quadros de senhoras. Nas senhoras não se tóca nem com uma flor — nem com uma pèna!

A *Melancholia* de Constantino Fernandes que a Critica tão delambidamente aponta é uma obra de mystica bellèsa mas de mediocre realisação. Aquella cara de viuva, macerada pela dôr é o typo flagrante de uma creada de quartos em dia de trovoadá amorosa.

Martinho da Fonseca apresenta uma galeria de trabalhos a pastel. Advinha-se-lhe no traço firme a compleição interior d'um bom artista. A *Mulatinha triste* é impressiva e graciosa e com uma certa levèsa emocional de expressividade ethnica. O retrato de Forjaz de Sampaio tem um feliz delineamento perclaro e psychico e ha na anatomia perfeita da visagem vislumbre animico, intenção psychologica.

De Dordio Gomes no quadro *A volta dos trabalhos no Alemtejo* ha qualidades insuperaveis de boa palèta e de fina observação. Usou de uma denunciante libertação no dispôr das figuras o que revèla individualidade

ingenita e confiança interior. Sente-se na tela o lèdo borborinho no convivio aldeão do mulherio que regressa à alegria das cinzas, no casebre. Em Frederico Ayres ha senso pictorial e boa harmonia de paysagista. Antonio Saude é independente, individual e tem o senso da transição e da côr. Navarro da Costa é artista; dá muito bem as penumbras, os reflexos e as claridades metallicas. João Vaz aparece sempre com o mesmo ceu meridional já espalhado e conhecido (de que só elle possui o segredo), leve e azulado com reflexos d'esmalte. Alves Cardoso tem o traço energico de mestre mas na *Merenda*, por exemplo, ao lado de uma factura perfeita e decidida ha um paradoxo inverosinil de colorido. Velloso põe nas figuras um esmèro amaneirado e um brilho oleoso de cèra que o prejudica e banalisa. Carlos Reis é sempre o mesmo grande artista de uma grande perfeição pormenorizada e monotona. Ribeiro Junior expõe a *Forja*. O clarão que vem da forja tem um vermelho inverosinil e a expressão do ferreiro é um pouco parada; não tem esforço nem violencia.

Alem deste quadro Ribeiro Junior expõe a melhor tela da Exposição. E' um pequeno retrato de *Mademoiselle X*. . . Tem a singellèsa e sobriedade das telas de Reynolds. A mesma finura distincta de penumbras que em *Mrs. Braddyll*; a mesma levèsa espiritual, a mesma graça.

F. MENDES DE BRITO.



# Ponto final

## Registo

*Notas de Estudo* (Moreira Telles). — A despeito de intercambio intelectual, affectivo e comercial, ha muito estabelecido entre o Brazil e Portugal, é ainda aquela rica nação pouco conhecida em certos aspectos economicos e historicos que não tem menor valia que o seu aspecto literario.

Um dos seus aspectos, sem duvida mais interessante, é o que se refere á evolução da riqueza no Brazil, criteriosamente analisando as causas efficientes do seu actual estado economico, com discernimento e claro juizo focando todas as *etapes* porque foi passando e com seguro metodo estudando todo o seu *dossier* economico e financeiro.

Apareceu este anno no mercado, sob o modesto nome de *Notas de Estudo* uma obra que altamente valorisa o nome do seu auctor e que inteiramente vem juntar valiosissimos subsidios á historia do Brazil no seu desenvolvimento agricola e industrial.

O seu auctor, sr. Moreira Telles, teve de se haver na factura do seu livro com difficuldades quasi insuperaveis mas que um trabalho aturado e um esclarecido espirito com brilhantismo dominaram.

Obra que é ao mesmo tempo de economia e historia, tracejada com criterio e desenvolvida com intelligencia, ella satisfaz tanto as necessidades d'um estudioso como a curiosidade d'um homem culto.

Remontando aos tempos do primeiro colonato, com sagacidade delineou o autor o quadro da agricultura no Brazil, com criterio estudando o dominio hollandez a administração pombalina, as medidas de D. João VI, a administração do imperio e da republica.

Partindo depois d'este estudo preliminar traceja o autor o quadro actual do Brazil e aqui se revela o sr. Moreira Telles um conhecedor profundo das riquezas da sua terra, dos seus recursos, com criterio analisando o caminho a seguir.

Atravez de todo o livro revela-se uma honestidade de processo e de estudo que ainda mais valorisa a obra.

O autor quiz fazer obra que fosse util á sua terra e inteiramente se satisfaz.

Trata-se pois d'um livro criteriosamente escripto, a que não faltam requisitos de elegancia,

conscienciosamente estudado, com brilhantismo desenvolvido e que faz parte integrante tanto da leitura do estudioso como do leitor culto.

*Zara* (Hernani Cidade). — Alentejano sem macula e artista d'eleição, acaba de nos proporcionar um inestimavel prazer, facilitando-nos a leitura das provas da sua *Zara*, pequenino episodio theatral em verso, que deverá ser posto á venda em Leiria na proxima semana. *Zara*, alem de ser uma obra d'arte, é uma obra d'humanidade, pois significa um esforço do artista em defésa do lindo e tradicional castello de Leiria tão amargamente abandonado pela gente portuguesa. *Zara* é uma joiazinha litteraria d'um lavor delicadissimo com scintilancias lyricas de permeio, cuja interpretação ficaria muito bem n'um theatro da capital, se os theatros da capital não tivessem sido de ha muito arrematados pela banalidade artistica d'um monopolio inferiorizado. Bem fêz Hernani Cidade em publicar a sua peça. Muito lhe agradecemos a attenção que nos dispensou.

## Vida Regional

Installou-se em Extremoz, a Commissão Executiva da Junta Provincial Alentejana. O facto, significando mais um passo para o despertar das energias regionaes, não nos poderia passar despercebido, e é muito digno d'especializado registo. Fiamos muito a nossa salvação da politica municipalista, e, sendo assim, aqui deixamos expressos os nossos melhores cumprimentos á Commissão Executiva da Junta Provincial Alentejana.

## A nossa capa

O desenho da capa d'este numero da *Terra Nossa* é um motivo alentejano, que Saavedra Machado tirou do natural em pleno campo. Figura a *casa do ferreiro*, em Santa Victoria do Ameixial, pequenina aldeia, repleta de evocações, no extremo do concelho de Extremoz.

Saavedra Machado é sobretudo um desenhador, cheio da belleza hieratica da linha; e o seu espirito eleito de paisagista reproduziu este pedaço de Alentejo: casa agarrada ao chão, grande chaminé, parreira a formar alpendre sobre a porta de entrada...